
SIMPÓSIO SOBRE O PADRE IBIAPINA

Lagoa Seca, PB, 18 a 20 de fevereiro de 1983

No dia 19 de fevereiro pp. transcorreu o centenário da morte do famoso Padre José Antônio Pereira Ibiapina, um dos três homens — ao lado de Antônio Conselheiro e Padre Cícero — que marcaram o horizonte religioso do Nordeste interiorano, na segunda parte do século XIX, e podem por conseguinte oferecer uma chave importante de leitura da história do Nordeste.

A memória do Padre Ibiapina está viva entre os pobres, em diversos lugares. Contudo, é uma memória mítica que necessitava de um confronto com o que a ciência historiográfica nos pode oferecer em termos de esclarecimentos e documentação. Neste sentido já tinha sido publicada, pelas Edições Loyola, de São Paulo, a "Crônica das Casas de Caridade fundadas pelo Padre Ibiapina" (1981), fonte primária do "gesto" ibiapiniano (*). Por ocasião do centenário da morte do grande missionário, a equipe do projeto popular da Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina (CEHILA) entrou em contato com a diocese de Guarabira, Paraíba, dentro de cujos limites se situa o lugar chamado Santa Fé de Arara, onde Ibiapina passou os últimos anos de sua vida (a partir de 1876) e faleceu (1883). Desta forma, realizou-se, entre 18 a 20 de fevereiro de 1983, em Lagoa Seca, PB, organizado pela CEHILA e a diocese de Guarabira, um simpósio que reuniu pastoralistas (Dom José Maria Pires, Dom Marcelo Carvalheira, Dom Luís Gernandes, Padre José Comblin) e historiadores (João Alfredo de S. Montenegro, da Universidade Federal do Ceará; Francisco José Pinheiro, da mesma Universidade; Eduardo Hoornaert, de Fortaleza; Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, do Rio de Janeiro; Hugo Fragoso, da Bahia; Severino Vicente, do Recife). Damos aqui o relatório deste importante simpósio científico-pastoral, adiantando que ainda este ano as Edições Paulinas publicarão o texto das sete conferências.

Por ocasião do centenário da morte do Padre Ibiapina (19 de fevereiro de 1983), organizou-se, conjuntamente com a Diocese de Guarabira — PB — e a CEHILA POPULAR, um Simpósio visando conhecer melhor a figura do Pe. José Antônio Pereira Ibiapina. Já no dia 8 de maio de 1981, na sua reunião quinzenal, a Equipe da CEHILA POPULAR tinha pensado que o dia centenário da morte do Pe. Ibiapina seria oportunidade excelente para fazer reviver essa grande figura que andou nos sertões do Nordeste brasileiro. Mais de

(*) Veja-se a *recensão* em *PerspTeol.* 14 (1982) 264-266 (*N. da R.*)

um ano depois, numa pequena reunião entre Eduardo Hoornaert e Dom Marcelo Carvalheira, bispo de Guarabira, começou a concretizar-se a idéia, e no dia 18 de fevereiro de 1983 estavam reunidos bispos, historiadores e pastoralistas para debruçar-se com carinho sobre a vida deste nordestino desconhecido de muitos, mas muito querido dos sertanejos paraibanos que, todo ano, no dia 19 de fevereiro organizam romaria para ir à sepultura de Ibiapina, em Santa Fé — Arara, Paraíba.

O Simpósio devia contar com a presença honrosa do biógrafo do Pe. Ibiapina, o historiador paraibano Celso Mariz. Já doente quando recebeu o convite, ele entregou a sua obra sobre o Pe. Ibiapina, e alguns meses depois ia se encontrar com o Pe. Ibiapina para celebrar com ele este centenário!

No dia 18 de fevereiro, Dom Marcelo Carvalheira abriu o Simpósio. Em poucas palavras, destacou a capacidade de Ibiapina de valorizar a cultura e a religião do povo, sua opção muito clara pelos pobres, e como ele soube ligar missões e necessidades econômicas do lugar. Convidou os participantes a debruçar-se sobre a vida de Ibiapina para que ela possa iluminar nossa prática pastoral.

Seguiu-se o depoimento de Dom José Maria Pires: "IBIAPINA FALA À IGREJA DE HOJE". Dom José Maria, arcebispo da arquidiocese de João Pessoa, apresentou os sérios questionamentos que a vida de Ibiapina faz à Igreja de hoje. Segundo Dom José, "o primeiro é sobre o relacionamento da Igreja com a classe média social: os que puderam terminar um curso secundário ou mesmo universitário. Muitos deles conservaram no peito a chama revolucionária e gostariam de encontrar na política ou na religião um canal de comunicação e uma ferramenta de serviço ao povo. Chego a pensar que a libertação dos oprimidos, sem o concurso da classe média é utopia. O Dr. José A. P. Ibiapina era homem de classe média. Não tanto pela sua origem ou pelos recursos materiais, mas em razão do grau universitário e de sua participação na vida política e na vida social do seu tempo. Quantos Ibiapinas não haverá por aí à espera de uma convocação ou de um estímulo para se engajarem na defesa da causa do oprimido. O que interessa primeiro que tudo não é que as pessoas se comprometam com a Igreja; ela mesma só tem razão de ser como serviço; mas se comprometam com o povo dos oprimidos". Dom José esclareceu que, aqui, a palavra 'povo' significa aqueles que estão "sem saber e sem poder".

A segunda conferência, do prof. João Alfredo de S. Montenegro, apresentou uma visão panorâmica da "HISTÓRIA REGIO-

NAL DO NORDESTE". Ao mesmo tempo, revelou a personalidade do Pe. Ibiapina atuando numa Igreja dominada pelo ultramontanismo, pelo moralismo, e numa sociedade em mudança, já marcada pelo capitalismo e pela revolução industrial. Sua carreira como advogado fez-lhe adquirir experiências valiosas em torno dos homens, das situações políticas, do quadro sócio-econômico do seu tempo. Antes de ser padre, transpareceu em Ibiapina uma aguda identificação com os problemas da sociedade. Ficou sempre preocupado com a sorte do povo carente e sofrido. Uma visão centralizada na grande defasagem entre a lei, o Estado, através de suas manifestações ou aparelhos institucionais, e os destinatários dessa lei, desse Estado, constituídos geralmente por cidadãos de poucas luzes e vivendo em condições precárias, fez Ibiapina optar por um "modelo" pastoral que teria como objetivo básico a eliminação daquela defasagem, desta vez alargada porque contendo a Igreja, distanciada da real situação concreta dos fiéis. O que pretendeu realmente é, justamente com o povo, sem discriminação de classes, urdir em obras simples, mas marcantes, uma história inédita do Nordeste rural, até então não imaginada com tanta sensatez e com tanto realismo. Escolas, hospitais-maternidades, cemitérios, obras de infraestrutura em geral escasseavam, deixando o povo desassistido de bens essenciais à vida. Urgia, no período, uma força autônoma, proveniente de fora, planejando e despertando o carreamento de energias latentes do povo, para que este se tornasse agente da história. Fazia-se mister que ele assumisse tarefas comunitárias, enveredando por um caminho que o libertasse do atraso, da extrema penúria, ao mesmo tempo que se tornava aberto para Deus, para o Reino. Missão árdua de criar hábitos novos de comportamento, práticas associativas, uma religiosidade mais madura, junto e com a estruturação de uma obra material. Tudo isso sem ferir o *ethos* cultural das populações visitadas. Todas as suas obras têm profundo sentido do regional.

O prof. Francisco José Pinheiro analisou, de maneira sucinta, as causas da "DEPENDÊNCIA E MARGINALIDADE" do Nordeste brasileiro, no século XIX, e a posição da Igreja no mesmo período. Em primeiro lugar, a Igreja, a partir da segunda metade do século XIX, perdeu a sua característica fundamental: a participação do leigo, e ela se "romanizou", isto é, tornou-se uma Igreja clerical e hierarquizada onde o leigo não tinha mais espaço para atuar. A Igreja fechou-se sobre si; foi a época dos bispos reformadores. Ibiapina formou-se nesse clima de transformação da Igreja, diante de uma sociedade em mudança. A experiência adquirida por Ibiapina lhe permitiu perceber o povo como construtor de sua história, enquanto

que o projeto de romanização da Igreja via o povo como objeto do processo histórico. Ibiapina não aderiu à romanização. Com atos simples, demonstrou a capacidade de trabalho do nordestino, pondo por terra as teses da preguiça e da incapacidade do mesmo. Provou também que a seca não era a causa da pobreza do Nordeste. Mas que esta causa encontrava-se na utilização indevida dos recursos públicos, na forma de inserção no mercado internacional, além da posse e uso da terra.

A professora Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, antropóloga, tratou da "AÇÃO MODERNIZADORA DO PADRE IBIAPINA". Ela considera Ibiapina como um civilizador, um erguedor da cultura nordestina, pois soube preservar a identidade cultural do povo. "Numa época em que a intelectualidade brasileira, e principalmente o grupo governante, bebe no pensamento liberal europeu, no positivismo, Ibiapina mergulha no âmago da cultura sertaneja e inicia o programa de melhoria social das baixas camadas do Nordeste". Dotou o sertão de infra-estrutura de saúde. Sua ação evangelizadora era ao mesmo tempo civilizadora. Foi um trabalho incansável de soerguimento das camadas populares pela valorização dos hábitos mais salutareis da cultura sertaneja. Ele entendeu que um país só se desenvolve, soerguendo as camadas mais pobres da população. Soube dignificar os conhecimentos técnicos dos empobrecidos, e desse processo resultou a preservação de valores próprios ao sertão. Modernizou cidades e vilas. Teve muita influência na urbanização. Combateu o preconceito de cor confiando a pretos cargos de responsabilidade nas Casas de Caridade. Ele devolveu ao povo o amor à natureza. Ibiapina foi o intelectual sertanejo que promoveu o desenvolvimento do seu meio. A fé dele não foi sem obra... Já em meados do século XIX, fez a opção pelos pobres. Retomou com coragem a tradição dos beatos no momento em que Roma tentava romanizar a Igreja.

À procura de uma chave interpretativa da Crônica das Casas de Caridade, o prof. Eduardo Hoornaert desenvolveu o tema: "O PADRE IBIAPINA E OS DESCLASSIFICADOS". Perguntou ele: "Quem foram estes 'pobres' com os quais Ibiapina se relacionava? Formavam eles uma 'classe'? Pertenciam eles à sociedade? Como definir estes pobres em termos de análise da sociedade?" Uma primeira opinião situa os pobres fora da sociedade, como os que "ainda não são o que nós somos". Uma segunda opinião divide o Brasil simplesmente em pobres e ricos. E uma terceira opinião, que é a de Hoornaert, afirma que os pobres atingidos por Ibiapina ao mesmo tempo vivem dentro da sociedade capitalista e são vítimas dela, e ao mesmo tempo

não apresentam características de uma classe: são antes os "desclassificados" do sistema.

A ação de Ibiapina se desenvolveu entre esses "desclassificados". Operou no sentido de fortalecimento das estruturas que oprimiam os desclassificados ou no da transformação de uma sociedade injusta para com os pobres?

Aqui fez-se uma distinção entre "desclassificação por necessidade" e "desclassificados por opção". Os "desclassificados por necessidade" são os desempregados, os que não têm nada para viver. Os "desclassificados por opção" são os convertidos, os que passam a encarar toda a vida como uma missão. No tempo de Ibiapina, eles se chamavam "beatos". A ação deles apontava para uma nova sociedade ainda não existente e, por conseguinte, para a transformação da atual sociedade, o que era considerado subversão da ordem estabelecida.

Diante da miséria dos "desclassificados por necessidade", Ibiapina conseguiu pôr em movimento a população sem trabalho, como no caso da missão em Goianinha, Ceará, em 1868, e em outros casos. Assim, abria uma brecha para o "projeto popular", ou seja, a articulação de experiências na linha do que realmente beneficia os pobres. "Não podemos afirmar simplesmente que Ibiapina apresentou uma 'solução' para o Nordeste: ele antes possibilitou a emergência de algo diferente, sobretudo através dos 'desclassificados por opção' que são os beatos e as beatas".

E o Frei Hugo Fragoso ofereceu-nos excelente estudo num texto intitulado: "AS BEATAS DO PADRE IBIAPINA: UMA FORMA DE VIDA RELIGIOSA PARA OS SERTÕES DO NORDESTE". Mostrou que o zelo de Ibiapina em amparar a órfã veio de sua própria experiência, quando perdeu seu pai aos 20 anos, deixando suas irmãs mergulhadas na orfandade. Situações dolorosas, como epidemias de cólera e secas periódicas, feriram sua sensibilidade, e levaram-no a criar hospitais para as vítimas das epidemias. E como a situação das meninas desamparadas não era episódica, construiu asilos para as órfãs. Foi surgindo a idéia de suas Irmãs de Caridade como esteios caridosos dos pobres doentes e das órfãs.

Pode-se concluir que as Beatas do Pe. Ibiapina surgiram como uma forma de vida religiosa sertaneja, para uma situação específica dos sertões nordestinos. O fim destas Casas de Caridade era a educação e o trabalho; trabalho que devia ser alimentado pela oração e prolongado pelo estudo. Esse trabalho situava-se como uma contestação ao sistema da escravidão vigente. Numa época em que o trabalho que "sujava as mãos" era considerado como "vil e baixo" pelas

Constituições do Arcebispo da Bahia que regiam toda a Igreja do Brasil, e, portanto, incompatível com o estado clerical, as Irmãs do Pe. Ibiapina contestavam tal atitude pelo testemunho de toda uma vida. E mais ainda, colocavam no sertão nordestino bases de uma sociedade construída sobre o trabalho livre. Também a vida religiosa das Irmãs de Caridade continha um certo princípio de afirmação da consciência pessoal em face do controle clerical. O Pe. Ibiapina não quis enquadrá-las dentro da "fôrma canônica": isso porque a organização da vida religiosa que ele excogitara não era um fim em si, mas estava toda ela a serviço do povo pobre do sertão nordestino. Uma "fôrma jurídica" tirar-lhe-ia as raízes sertanejas para revesti-la das roupas importantes das grandes cidades e lhe faria adquirir ares de instituto romano e europeu. Numa época em que predominava nas Ordens Religiosas e Congregações européias o preconceito contra as vocações brasileiras, a Comunidade das Beatas do Pe. Ibiapina lançava suas raízes no chão nordestino — até aceitava moças negras —, e a sua formação se orientava numa linha de serviço, para o trabalho específico das moças sertanejas: costurar, bordar, fiar, tecer panos, etc., e numa linha de valorização da mulher, valorização que procura dar um lugar ao sol àquilo que é nosso, ao invés de querer imitar servilmente modelos da Europa. Era como se tivessem por lema: "É preciso que as órfãs e os pobres cresçam, e nós diminuamos!"

Enfim, o Padre José Comblin, fiel à sua identidade de teólogo, nos apresentou o Pe. Ibiapina como MISSIONÁRIO. Um missionário que agiu e revelou a Jesus Cristo pela sua maneira de se situar no mundo e na vida. Um Ibiapina que rompeu radicalmente com a estrutura eclesiástica do seu tempo, para escolher a vida itinerante no interior. Não foi homem de teoria, e sim de ação. Os seus dons de advogado e político o ajudaram a dar leis e estruturas a uma sociedade ainda flutuante, ameaçada por proprietários fortes.

Para Ibiapina, evangelizar era reunir os pobres dispersos para formarem um só povo, uma comunidade com leis e direitos. Ele não organizou a comunidade por meio de discursos, e sim por meio de atos. Convocou as pessoas para trabalharem em mutirão e construírem obras que foram constituir os símbolos e os centros da unidade.

A missão de Ibiapina, a sua mensagem de conversão, eram eminentemente práticas. Tratava-se de superar o isolamento individualista de um povo que ainda não tinha descoberto o valor da comunidade, e de implantar centros comunitários que iam mostrar uma encarnação visível da unidade. O missionário Ibiapina foi o "pai" do povo: atenção dada aos mais abandonados, às crianças sem defesa,

às mulheres que se dedicavam a essas crianças. Ele foi fator de ligação e comunhão desse povo. Entrou mesmo no povo do seu tempo. Identificou-se material e praticamente com esse povo. Já tinha queimado os seus navios e cortado as amarras com o porto de saída.

Na tarde do dia 19, dia centenário da morte do Padre Mestre, foi preparada uma liturgia especial comemorativa do evento. O pessoal dos povoados vizinhos de Santa Fé veio, numeroso, em procissão, com cartazes e flores, homenagear o Pe. Ibiapina. Antes da missa, houve apresentações de versos contando a vida do Padre Mestre, e visita ao túmulo onde muita gente pagava promessas.

Estava presente na missa a última "beata", ainda viva, da Casa de Caridade de Campina Grande, a Irmã Cícera, de 89 anos.

A missa foi concluída pelos vigários das áreas vizinhas, e o celebrante principal foi Dom Marcelo Carvalheira que pronunciou também a homília. A primeira leitura foi tirada do livro das "Máximas" do Pe. Ibiapina; esse livre manuscrito é conservado na casa paroquial de Areia.

Essa liturgia nos permitiu ver de perto a devoção do povo sertanejo para com o Pe. Ibiapina. Todo ano, sem convocação especial, o povo vai ao túmulo no dia 19 de fevereiro, e celebra-se a missa.

Irmã Georgette Desrochers
Secretária da CEHILA POPULAR